

FUTURO LANÇAMENTO

Heitor Ramalho

12.11 a 11.12

Ótima localização!

A região na Barra Funda em que acontece *Futuro Lançamento* ainda carece de bares descolados, opções de comida vegana e uma boa padaria de fermentação natural. É claro que há, também, uma galeria de arte e, mais importante, este espaço que realiza a exposição. Mas a vizinhança é, sobretudo, dividida entre antigas casas de tipologia industrial próximas à linha do trem, dezenas de oficinas mecânicas e galpões que abrigam indústrias e comércios.

Entre esses galpões, existe um com uma misteriosa fachada preta, coberta por uma pintura em aerografia de tons dourados. Os pontos brilhantes são imagens de objetos pontiagudos, distribuídos num arranjo ovalado, que remetem ao tímpano de um arco, mas não tão arredondado. Também adornam a fachada a imagem de um pássaro de fogo e a intrigante sigla “FPS”. Dobrando a esquina e seguindo um pouco mais adiante, encontramos, ao lado de um novo edifício com estúdios de até 25 m² e nome em inglês, outra fachada preta com elementos dourados, quase idêntica à anterior.

As duas guardam o mesmo estabelecimento comercial, que negocia a venda de “ferramentas de penetração de solo”, isto é, acessórios que são acoplados aos dentes de escavadeiras para vencer a dureza de qualquer material. Equipado com essas ferramentas, o maquinário pode realizar o transporte de grandes volumes de pedras, escavações para a extração de recursos e qualquer tipo de intervenção necessária para o avanço das máquinas.

Ao replicar a imagem dessas fachadas na entrada do Ateliê397, o artista Heitor Ramalho traça um percurso que triangula três galpões que ocupam faces contrárias num mesmo quarteirão. E o público que chega à exposição é recebido por um largo sorriso, formado pelas mesmas pontas, por adaptadores, dentes, travas, protetores, cantos e lâminas utilizados na construção civil e na mineração.

Com esse giro, a imagem, que antes tinha a função de anúncio, torna-se indício de um sistema de produção simbólica e material que, assim como as três fachadas e as obras em exposição, parecem se retroalimentar. Vem à tona, com aquele sorriso amarelo, algo de cínico ou sinistro nos mecanismos de construção da paisagem e formação das cidades.

Condições facilitadas!

Oportunidades de mudar ou investir; de morar mais perto do trabalho e dos serviços essenciais; de acordar todos os dias com uma bela vista na janela; ou de se resguardar de todo crime e maldade atrás de altos muros se apresentam todos os dias, do centro aos bairros mais afastados da cidade. Os medos e desejos mobilizados pelo mercado imobiliário são vários e conhecidos, assim como é notória a sua influência sobre o poder público na distribuição de equipamentos e na construção do espaço urbano.

Na série *Anúncios* (2021-2022), Heitor Ramalho se apropria dos suportes de propagandas do mercado imobiliário encontrados na cidade, como banners e cavaletes, e cria jogos de reflexos e transparências. Nessas obras, é como se as chamadas e as imagens publicitárias tivessem atingido o esgotamento ou se anulado pela repetição. Em *Anúncio I* (2021), a superfície do cavalete parece refletir um céu sempre azul por cima – sintetizando com ironia os discursos publicitários que prometem a vida perfeita e nos lembrando, simultaneamente, da substituição da vista do céu verdadeiro por sua apreensão apenas através do reflexo azul virtual e distorcido nas fachadas dos prédios espelhados.

Em *39 Cômodos* (2022), são apresentadas imagens capturadas pelo artista quando ele trabalhou como fotógrafo para uma imobiliária em São Caetano do Sul. A sequência de imagens chama atenção por realçar uma pasteurização do espaço doméstico e pela normalização de condições, menos do que ideias, de espaço e luminosidade nas residências disponíveis a boa parte da população. No ambiente interno da paisagem urbana, a obra de Heitor Ramalho propõe reflexões sobre a arquitetura como formadora de subjetividades, ou sobre como o antigo “sonho da casa própria” – vivido por nossas avós, mães e tias e que, a nossa geração, parece impossivelmente distante – se conforma a partir de limitações e imposições do mercado imobiliário.

Assim, as convenções na construção de imagens para fins imobiliários ficam evidentes, ao mesmo tempo que, a certa distância, parecem mostrar as formas angulares de obras minimalistas ou pinturas abstratas geométricas. Nesse arranjo, elas podem trazer ao contexto brasileiro atual algo da sátira de *Homes for America* (1967).

Obras em ritmo acelerado!

Com a ajuda de uma pá, Heitor, vagorosamente, removia pedras britadas de um grande monte - como os de canteiros de obras e calçadas - que, como nos canteiros de obras e calçadas, tinha sido formado dias antes, quando um caminhão despejara da caçamba milhares de britas no chão. Dada a ineficiência da ferramenta que o artista tinha em mãos diante da quantidade enorme de pedrinhas acumuladas, sua coreografia parecia poder se repetir infinitamente.

Equilibrando o peso da pá cheia de pedras, Heitor virava seu corpo, dava dois ou três passos e as despejava, formando um montículo. E, com a repetição e algumas variações desses gestos, ele construiu *Montantes* (2022), distribuídos na área externa ao espaço expositivo.

Narrar essa cena é inevitável. Possivelmente porque as próprias obras, em *Futuro Lançamento*, nos fazem olhar o trabalho e os processos de construção das coisas. A partir do relato, também ficam evidentes aspectos performáticos e uma lógica inerente da obra, que nos permitem imaginar a repetição indefinida desses montes na paisagem e que, portanto, nos instigam a pensar as implicações possíveis em posicionar esse trabalho em relação à tradição da *Land Art*.

Dispostos na área externa, os montes se apresentam quase como ícones. Representações gráficas de montanhas, cada um a cópia do modelo anterior. A paisagem formada por *Montantes* tanto remete aos canteiros de obras como traça um caminho até a origem desses materiais, apresentando a cadeia montanhosa que foi dinamitada e distribuída nos pequenos fragmentos, que agora voltam a formá-la, antes de serem devolvidos à distribuidora e utilizados na produção de cimento.

Em *Montantes*, outra importante parte do sistema de significados e relações entre o lado de dentro da exposição e o mundo externo se estabelece. Com a pedra britada e o dourado, o artista sistematiza um pensamento sobre paisagem, acúmulo, circulação, valor e especulação que aparece por toda a mostra.

Na economia, “montante” denomina o valor especulado de um investimento, somando-se os juros ao capital inicial. Essa operação de “cálculo de valor futuro” é um dos conceitos básicos da matemática financeira, dedicado a prever e controlar a variação sofrida por uma quantia investida ao longo do tempo. O processo de virtualização e especulação do capital tem como um de seus marcos a substituição do ouro como material que oferecia lastro ao valor do dinheiro pelo dólar americano.

Com a variação no acúmulo de pedras em cada monte de cumes dourados, estabelecem-se conexões entre a mineração do ouro – prática determinante na história do Brasil – e a especulação e a mineração contemporâneas. *Montantes* apresenta ensaios da representação material de um sistema econômico altamente abstrato e virtual, mas com consequências materiais palpáveis na experiência cotidiana.

Ao eleger a cidade como objeto, o artista mimetiza em seu processo os mesmos procedimentos que determinam a experiência e o espaço urbanos: ritmo, repetição e reprodução seriada. O deslocamento ou a replicação de elementos da cidade perpassam toda a prática de Heitor Ramalho, que reconhece na paisagem símbolos repetitivos, de fácil reconhecimento e, portanto, densos de significados. Com sutis intervenções, eles são implicados em observações e comentários sobre as disputas de poder pela ocupação dos espaços comuns, trazendo à tona diversos estágios na cadeia de produção da cidade e, conseqüentemente, da sociedade.

Lucas Goulart, novembro de 2022

Futuro Lançamento
Heitor Ramalho

Curadoria
Lucas Goulart

Produção
Lígia Tortella

Montagem
Zé Andery

Comunicação Visual
Thiá Sguoti

Gestão Ateliê397
Bruna Fernanda, Érica Burini, Tania Rivitti, Thaís Rivitti

Grupo de Pesquisa e Curadoria
Bruna Fernanda, Caio Bonifácio, Érica Burini, Khadyg Fares, Lucas Goulart, Tania Rivitti, Thais Rivitti

Ateliê 397
R. Cruzeiro, 802, Barra Funda, São Paulo
contato@ateliê397.com

Agradecimentos
*Amanda Fernanda Silva
Carlos Spinello
Dadu Figliuolo
Fernando Fiuka
João e Alex - Servobrás. Distribuidora de Areia e Pedra
Pedro Cerqueira
Phoenix Design - Grafitti e Aerografia
Raphael Escobar
Thais Rivitti
Luiz e Bete*